Sarapicos, Rui – Svetlana Alexievich, *Vozes de Chernobyl: história de um desastre nuclear*. *Configurações*, vol. 17, 2016, pp. 255-258

Svetlana Alexievich, *Vozes de Chernobyl: história de um desastre nuclear.* Tradução de Galina Mitrakhovich. Lisboa: Elsinore, 2016

RUI SARAPICOS*
Universidade do Minho

Sofrimento humano extremo, destruição ambiental, medo de morte num espaço e num tempo incertos, descrença. Estes temas atravessam *Vozes de Chernobyl: história de um desastre nuclear*. O subtítulo evidencia uma 'história', que Svetlana Alexievich, a autora, Nobel da Literatura em 2015, e os depoimentos orais que ela registou, sustentam ao longo do livro, de capa ilustrada por uma roda do parque de diversões de Prípiat, cidade abandonada,

Publicada em russo, em 1997, a obra chega a Lisboa, em 2016, pela Elsinore, com tradução de Galina Mitrakhovich. As fontes, testemunhas que viveram de perto ou à distância a explosão e os dias imediatos, evidenciaram perspetivas diversas.

O leitor é reportado a lugares de contaminação do ar, da terra e dos alimentos, onde sobrevive uma sociedade traumatizada, sem confiança nos líderes. Há viúvas a lembrar o último face a face com homens que ficaram a resolver o problema, sem saber que, do quotidiano que esperavam certo, estavam a fluir instantes derradeiros e irreversíveis; relatam pavores e incertezas, num espaço físico e social de solos e de familiares radioativos, por um tempo indeterminado, que não percebem; falam bombeiros e liquidadores sobreviventes que questionam a competência dos superiores hierárquicos; falam cientistas que se protestam perdidos na história; falam políticos que acusam o ocidente; há quem estenda o acontecimento às referências identitárias, Marx ou o dólar. Uns foram nos dias seguintes semear batatas, outras ouviram dizer que o marido agora é ameaça para elas ou que elas próprias são agora ameaça para os filhos.

Antes de dar voz aos sobreviventes, Alexievich registou o momento em que "culpados pelo acidente nuclear" se sentaram no banco dos réus, na casa da cultura de Chernobyl: o diretor da central, Víktor Briukhánov, o engenheiro-chefe Nikolai Fomín, o engenheiro-chefe adjunto Anatoli Diátlov, o chefe de turno Boris Rogojkin, o chefe da sala do reator Aleksandr Kovalenko, o inspetor do Serviço de Supervisão Energética e Nuclear da União Soviética Yuri Laúchkin. "Os lugares do público estão vazios. Só estão presentes jornalistas".

* Jornalista, mestrando no Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Email: rsmestrado@gmail.com.

De resto, "aqui já não há pessoas, a cidade foi 'fechada', enquanto zona de controlo rigoroso da radiação", observou, questionando o motivo por que (Chernobyl) foi escolhida como lugar do julgamento: menos testemunhas, menos barulho? Não há operadores de televisão, não há jornalistas ocidentais. No banco dos réus queriam ver mais responsáveis, incluindo os de Moscovo. A ciência moderna também devia assumir a sua responsabilidade. Mas ficou-se pelos "bodes expiatórios". Veio o veredicto: Briukhánov, Fomín e Diátlov condenados a 10 anos de prisão. Os restantes tiveram penas mais leves. Diátlov e Laúchkin morreram na prisão, da exposição à radiação. O engenheiro-chefe Fomín enlouqueceu. O diretor da central Víktor Briukhánov cumpriu toda a pena, os 10 anos. Vive em Kiev, é um simples funcionário de uma das empresas... "Assim termina a história..." (23).

Adiante Svetlana viu "o início de uma nova história", e "uma catástrofe do tempo", os radionuclídeos "espalhados pela nossa terra existirão durante cinquenta, cem, duzentos mil anos… ou mais" (45). A autora repetiu perguntas e construiu "monólogos". Ao de um interlocutor que não se identificou, chamou "Monólogo do defensor do poder soviético". Ouçamo-lo: "O que é que está aqui a gravar? Quem é que a autorizou? A fotografar… Arrume já o seu brinquedo… Guarde isso senão parto-o (…) O Gorby agiu de acordo com os planos deles, com os planos da CIA… O que é que anda aqui a tentar provar-me? Pois… Eles fizeram explodir Chernobyl… os da CIA e os democratas…" (278). Ouçamos Gennadi Gruchevói, deputado do parlamento bielorrusso e presidente do Fundo para as Crianças de Chernobyl: "O que é a liberdade para nós? (…) Dantes venerávamos Marx, agora o dólar. Estamos perdidos na História. Quando pensamos em Chernobyl, regressamos a este ponto preciso: quem somos nós?". Aquele parlamentar interroga-se: "A 26 de Abril de 1986 passámos por mais uma guerra. Ela não terminou…" (181).

A Nobel da Literatura (tal distinção a não ficção suscitou em alguns meios literários certas perplexidades) nasceu em 1948, a sul de Lviv, em Ivano-Frankivsk, região hoje ucraniana que pertenceu à Polónia, ao Império Austro-húngaro e à União Soviética, filha de diretor de escola bielorrusso e de professora ucraniana. Alexievich, que em Portugal já tem *O Fim do Homem Soviético* (Porto Editora, 2015) ouviu, desde criança, mulheres à noite a conversar, sobre irmãos do pai, mortos em combate. Com base nesses relatos, escreveu *A Guerra não Tem Rosto de Mulher*, monólogos de mulheres que viveram e contaram uma história diferente da propaganda soviética. Também sobre a Segunda Guerra Mundial e com base nas memórias de infância, redigiu *As Últimas Testemunhas (cem histórias nada infantis)*. Após uma viagem ao Afeganistão, escreveu *Os Rapazes de Zinco*. Em *Encantados pela Morte* tratou suicídios na sociedade pós-soviética, antes do trabalho sobre o desastre nuclear na Ucrânia de 1986, *Vozes de Chernobyl,* como refere Paulo Moura, em prefácio.

Alexievich desenvolveu o seu método a partir da tradição oral russa, dos contadores de histórias, mas também com outros autores russos e bielorrussos, como Daniil Granin e Ales Adamóvitch, que, sobre o Cerco de Leninegrado, transcreveram longos testemunhos. Mas, acrescenta o prefaciador, Svetlana inovou ao considerar que a voz do autor não era necessária: "Deve permanecer nos bastidores, fazendo as perguntas certas, escolhendo as personagens mais interessantes, juntando as frases mais ricas. E apagar -se das páginas". A autoria está na seleção e edição. O resto são "vozes de Chernobyl, páginas inteiras de discurso direto, vozes diferentes encadeadas umas nas outras por temas, sequência lógica ou cronológica". Ouçamos Liudmila, a viúva do bombeiro Vassíli Ignatenko (40-41):

> Dois meses depois, fui a Moscovo. Da estação de comboio diretamente para o cemitério. Até ele! E no cemitério começo a entrar em trabalho de parto. Mal comecei a falar com ele… Chamaram a ambulância. Dei o endereço. Dei à luz no mesmo sítio… O da mesma Angelina Vassílievna Guskova. Já naquela altura ela me tinha avisado: «Vem aqui ter a criança.» Aonde é que eu podia ir no estado em que estava? Dei à luz duas semanas antes do tempo previsto… Mostraram -me… Uma menina… «Natáchenka», chamei. «O teu papá deu-te o nome de Natacha.» Ela parecia saudável. Bracitos, perninhas… Mas sofria de cirrose hepática… No fígado — vinte e oito roentgenes… Doença cardíaca congénita… Quatro horas depois, disseram -me que ela tinha morrido. E uma vez mais… não lha vamos dar! Como é que não ma vão dar? Eu é que não vos dou a menina! Querem levá-la para a ciência. Mas eu detesto a vossa ciência! Odeio -a!

A contextualizar testemunhos, a introdução remete à Bielorrússia, país vizinho, sem centrais nucleares. Após Chernobyl, "perdeu 485 aldeias e povoações", 70 permanentemente soterradas; um em cada cinco bielorrussos vive em solo contaminado. Nas regiões de Gómel e Moguilev, as que mais sofreram, "as taxas de mortalidade ultrapassam as de natalidade em 20 por cento". O acidente lançou na atmosfera 50 milhões de curies de radionuclídeos, 70 por cento na Bielorrússia, cujo território está contaminado em 23 por cento por césio-137, com densidade de mais de 1 curie por km^2. Fazendo comparações, a Ucrânia tem 4,8 por cento do seu território contaminado e a Rússia 0,5 por cento. A Bielorrússia é terra de florestas. Mas 26 por cento de florestas e mais de metade de prados nas lezírias dos rios Prípiat, Dnepr e Soj consideram-se zona de contaminação radioativa. O país sofreu o incremento de cancros, crianças com atrasos mentais, perturbações neurológicas e mutações genéticas.

Voltemos a ouvir, agora um engenheiro do Instituto de Energia Nuclear da Academia de Ciências da Bielorrússia: "Uma jovem sentada ao pé de casa dá de mamar ao bebé… fazemos medições ao leite materno: é radioativo" (228). O mesmo cientista, mais adiante, interroga-se: "O que hei de fazer agora com a minha fé?" (229).

Na edição espanhola, (DeBolsillo, 2015) como a portuguesa de capa ilustrada com a roda do parque de diversões, que não foi inaugurado, o subtítulo "crónica del futuro" projeta a catástrofe numa perceção prospetiva, numa cronologia por determinar. Na edição em língua inglesa (Dalkey Archive Press, 2005), o subtítulo "the oral history of a nuclear disaster" anuncia no texto o carácter historiográfico e testemunhal.

Submetido: 28-02-2016
Aceite: 27-05-2016